



COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA

VOLUME 9, NÚMERO 1, CRATO – CE, SETEMBRO DE 2024 - ISSN 2448 2722

SUBMETIDO EM: 02/08/2024 ACEITO EM: 01/10/2024 - SEÇÃO 1: ARTIGOS

O MANDAMENTO DO AMOR E A PERCEPÇÃO DA ALTERIDADE: RELAÇÕES POSSÍVEIS ENTRE C.S. LEWIS E SØREN KIERKEGAARD

**The commandment of love and the perception of alterity: possible
relationships between C.S. Lewis and Søren Kierkegaard**

Leandro Henrique Lins Fernandes¹

 DOI: <https://doi.org/10.58882/cllq.v9i1.181>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6588278779817449>

RESUMO: Em a obra *Os Quatro amores*, C.S Lewis aborda quatro tipos distintos de amores: *Afeição, Amizade, Eros e Caridade*. Em paralelo, *As obras do amor – Algumas considerações cristãs em formas de discursos*, por Søren Kierkegaard, é distribuída em duas séries em que a primeira analisa o mandamento do amor ao próximo e a segunda o hino à caridade do apóstolo Paulo. Este artigo trará quatro pontos importantes das relações entre amor e alteridade, fundamentalmente, a partir das duas grandes obras mencionadas: trabalhará a origem do amor e sua relação com a noção de alteridade, a relação entre o amor ao próximo e sua relação com a ideia de alteridade, a relação entre amor caridade de Lewis com o amor ao próximo de Kierkegaard e seus desdobramentos com respeito à alteridade e, por fim, a relação entre a categoria de alteridade com os amores prediletivos ou naturais.

Palavras-chave: alteridade; amor; próximo; ágape; Deus.

ABSTRACT: *The Four Loves* by C.S. Lewis, addresses four distinct types of love: *Affection, Friendship, Eros, and Charity*. In parallel, *The Works of Love - Some Christian Considerations in Discourse Forms*, by Søren Kierkegaard, is distributed in two series in which the first analyzes the commandment of love of neighbor and the second the hymn to charity by the apostle Paul. This paper will address four important points of the relations of love and alterity between C.S. Lewis and Søren Kierkegaard, fundamentally, from the two great works mentioned: it will work on the origin of love and its relation to the notion of alterity, the work will outline the relationship between love for one's neighbor and its relation to the notion of alterity, the relation of Lewis' love charity to Kierkegaard's love of neighbor and its disobligations with respect to alterity, and, lastly, the relation of the category of alterity to predilection or natural loves.

Keywords: alterity; love; neighbor; agape; God.

¹ Especialista em Direito Penal, Criminologia pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Teologia Bíblica pela Faculdade Batista do Cariri -CE. Formação jurídica obtida na Universidade Federal de Campina Grande. Formação teológica no Seminário e Faculdade Batista do Cariri – CE. Professor de Filosofia Geral e Jurídica na Faculdade São Francisco do Ceará – Crato -CE. Advogado. Pastor. E-mail:leandrolinsf@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na obra *Os Quatro amores*, publicada em 1960, C.S. Lewis classifica e analisa quatro tipos básicos de amores, a saber: a Afeição, o Eros, a Amizade e a Caridade. Em sua análise, o autor britânico explora as interfaces entre estas formas de amor e destaca as suas implicações teológicas, filosóficas e práticas.

O *Amor Afeição* é o conhecido amor *storge* (στοργη) em sua acepção grega. É o amor relacionado a um tipo de vínculo familiar não necessariamente de famílias de sangue, mas de pessoas que têm certa intimidade umas com as outras. O *Amor Amizade* é a célebre *philia* (φιλία), conforme explorado nos livros VIII e IX da *Ética a Nicômaco* de Aristóteles. É aquele amor que compartilha coisas em comum. É o amor com menos impulso ou emoção.

O *Amor Eros* (έρως) é o amor no sentido de amor romântico. Está relacionado à sexualidade e suas vertentes. É necessário para a vida conjugal, mas por sua forte atração ao impulso e à emoção é facilmente idolatrado e deturpado. Por fim, o *Amor Caridade ou ágape* (αγάπη), considerado um amor desinteressado e abnegado. Este tipo de amor possui claras relações com a ideia de *Amor ao Próximo* (*Næsten*) de Kierkegaard.

As obras do amor – Algumas considerações cristãs em formas de discursos foi publicada em Copenhague, em 1847, pelo autor dinamarquês Søren Kierkegaard. A obra é distribuída em duas séries onde a primeira analisa o mandamento do amor ao próximo e a segunda o hino à caridade do apóstolo Paulo. O autor recorre à filosofia grega, especialmente comparando o amor cristão (*ágape*) ao amor apaixonado platônico (*eros/Eskov*) e a amizade aristotélica (*philia/Venskab*).

A obra é central para entender a questão da alteridade em Kierkegaard. Nela, “a dimensão da alteridade está presente a todo momento” (Kierkegaard, 2013, p.13). Para o autor dinamarquês, amar de verdade é aproximar o outro do



amor. Como diria Álvaro Valls, “Kierkegaard, interpretado tantas vezes como solipsista, afirma aqui explicitamente a alteridade, em sua categoria específica: o próximo (*Næsten*)” (*apud Kierkegaard*, 2013, p. 8).²

Este artigo abordará quatro pontos principais sobre as relações entre amor e alteridade entre C.S. Lewis e Søren Kierkegaard, fundamentalmente, a partir das duas grandes obras mencionadas.

Em primeiro lugar, trabalhará a origem do amor e sua relação com a noção de alteridade, evidenciando que o fundamento primordial do amor a partir do autor britânico e do autor dinamarquês está em Deus. Num segundo momento, o trabalho esboçará a relação entre o amor ao próximo e sua relação com noção de alteridade. Ver-se-á que a noção de Amor-Dádiva ou Doação trazida por Lewis tem relevante proximidade com a ideia de Amor *Ágape* trazida por Kierkegaard.

Em terceiro lugar, será analisada a relação entre Amor-Caridade de Lewis com o amor ao Próximo de Kierkegaard e seus desdobramentos com respeito à alteridade. Poderá perceber que um amor tão sublime poetizado e cantado por tantos santos na história possui problemas de motivação e finalidade de acordo com Kierkegaard.

Por fim, o texto apresentará a relação entre a noção de alteridade e os amores prediletivos ou naturais. Noção de *eros* e *filia* possui disposições naturais que podem ser beatificadas segundo Lewis, mas podem deturpar o mais puro amor cristão, segundo Kierkegaard.

1 - A ORIGEM DO AMOR E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE

Existe uma concordância clara entre C.S Lewis e Søren Kierkegaard no que pertine à origem do amor e, por conseguinte, a origem da alteridade. O funda-

² Neste sentido, o amor não deve mais se restringir ao amor de predileção, preferencial ou particular. Quem ama de verdade, ama o próximo, que é o humano- universal.



mento de um amor voltado para o outro (alteridade) precisa de uma base de invisibilidade e eternidade. Quando se ama a partir do que se vê, perde-se o poder de amar em profundidade e perenidade.

O que se vê é permeado de defeitos e diferenças. O que se vê é passageiro. Para equipar o amor de eternidade, permanência, é necessário amar a partir do invisível e do eterno. Para os autores mencionados, esta invisibilidade e permanência só pode ser encontrada em Deus.

1.1 - A ORIGEM DO AMOR E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE EM C.S. LEWIS

C.S Lewis é claro ao argumentar que “Devemos tentar relacionar as atividades humanas denominadas amor ao Amor que é Deus”. (2017, p. 169). Para o autor irlandês, fundamentado no famoso verso do apóstolo João em sua primeira carta, se “Deus é amor” (2000) toda atividade amorosa se perfaz a partir do Deus que é amor.

É importante deixar claro que, dentro da ortodoxia lewisiana, dizer que Deus é amor não significa que o amor é Deus. O amor é um atributo essencial da divindade, mas não a divindade em si. Apesar do amor de Deus poder operar naqueles que nada sabem a seu respeito (Lewis, 2017, p. 172), quem ama de verdade ama a partir de Deus, mas sem necessariamente adorá-lo ou reconhecê-lo. Adoração exige consciência.

A relevância desta diferenciação é que sem Deus o amor se torna deus e vira um ídolo. Para o autor de *o grande abismo*, o amor humano tem a forte tendência de reivindicar uma “autoridade divina para si [...] exige de nós um compromisso total, tenta transcender todas as outras reivindicações e insinua que qualquer ação feita de forma sincera, por causa do amor, é, portanto, lícita e meritória”. (2017, p. 19).



Entretanto, o amor não possui força solitária senão a partir do seu eterno fundamento. “Os amores demonstram que são indignos de tomar o lugar de Deus pelo fato de não poderem até mesmo permanecer o que são e fazer aquilo que prometem fazer sem a ajuda de Deus” (Lewis, 2017, p. 160). No mesmo sentido, se o amor existe a partir de Deus ele não é uma sentimento ou ação primária, como tanto já foi poetizado e escrito pelo secularismo. “Os amores devem admitir ser coisas secundárias se quiserem se manter como aquilo que desejam ser. Nesse jugo está sua verdadeira liberdade; são mais altos quando se ajoelham” (Lewis, 2017, p. 160).

Quando se destaca o amor da sua fonte, adora-se a criatura em lugar do criador, o atributo em lugar da pessoa, desta maneira o amor perde a sua força. Diria o autor britânico que “O lema dos rebeldes, “Tudo pelo amor”, é, na realidade, a sentença de morte para o amor”. (Lewis, 2017, p. 161). Até mesmo “Em meu amor pela esposa ou pelo amigo o único elemento eterno é a presença transformadora do Amor de Deus” (Lewis, 2017, p. 182).

O amor que resplandece em cada esfera das nossas vidas é um reflexo deste amor gerado em Deus. “É fácil reconhecer que somos espelhos cujo brilho, se somos brilhantes, é totalmente derivado do sol que brilha sobre nós” (Lewis, 2017, p.175). Sem Deus, ao homem é impossível amar de verdade, porque o amor mais profundo é aquele baseado no amor ao invisível que é Deus. A partir deste amor ao invisível é o que o ser humano consegue amar o diferente visível, o outro. Também somente a partir desta perspectiva se consegue amar em secreto, sem a necessidade de ser visto pelos homens e mulheres. Afinal, “De todas as nossas obras, a mais real deve ser a mais secreta (Lewis, 2017, p. 180).

“Deus é a nossa verdadeira pessoa Amada” (Lewis, 2017, p. 186), e somente Nele e por causa Dele, o homem consegue sair do amor de si, voltando-se ao



outro. É somente nesta *Proximidade de semelhança*³ com o divino, aquilo que foi imprimido por Deus em nós na criação, que conseguimos redirecionar o amor por nós mesmos ao próximo.

Neste sentido, Kierkegaard parece seguir de perto o fundamento lewisiano.

1.2 - A ORIGEM DO AMOR E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE EM KIERKEGAARD

Para Kierkegaard, a própria crença num Deus que não se vê fundamenta a relação de alteridade, pois exercitar a alteridade é acreditar no próximo. O amoroso se preserva no amor, permanece no bem supremo, na maior felicidade. Por isso, quem ama não pode ser enganado. Somente o amor “que exige reciprocidade, ou seja, o amor não verdadeiro, [não altruísta], corre o risco de ser enganado ao saber que o seu objeto era indigno” [...]. A pessoa verdadeiramente amorosa se preserva justamente ao crer em tudo, e portanto, ao amar o impostor” (Kierkegaard, 2013, p. 273, 275).

O autor dinamarquês deixa claro que uma vida voltada para o outro só é possível a partir da fé. Ninguém consegue amar sem confiar. O treino ou exercício mais pleno da confiança para amar ao próximo está no exercício da confiança em Deus. Somente quem ama e confia no Deus invisível é capaz de amar e confiar no humano em si, por trás das aparências.

O autor de *o Conceito de Angústia* explicita de forma inicial nas *Obras do Amor* que o amor mora no ocultamento e se funda no amor de Deus. Como Deus, o amor não pode ser visto em si, mas pode ser conhecido pelas suas obras ou frutos. A vida oculta do amor aponta sua invisibilidade/eternidade, enquanto suas

³ Lewis diferencia Proximidade de Semelhança de Proximidade de abordagem. Se Proximidade de Semelhança é aquilo que nos assemelha a Deus a partir da nossa própria natureza, da criação, Proximidade de Abordagem é o que acontece quando agimos livremente em obediência e imitação do divino. De fato, os “estados em que um ser humano está mais próximo de Deus são aqueles nos quais ele mais certa e rapidamente se aproxima de uma união final com ele, da visão dele e da satisfação nele [...] Felicidade, força, liberdade, fertilidade (seja da mente ou do corpo), sempre que aparecerem na vida humana, constituem a semelhança e, desse modo, as proximidades de Deus” (Lewis, 2017, p. 16-17).



obras se relacionam com o visível/passageiro ou terreno. Nesse passo, o amor é o que liga o eterno ao temporal. O amor está no exercício da alteridade, voltado para o outro, o próximo (*Næsten*), assim como Deus é amor e vive para amar⁴.

Voltando às *Obras do Amor*, Kierkegaard afirma que enquanto “a concepção meramente humana do amor jamais poderá ir além da reciprocidade” (Kierkegaard, 2013, p. 146), a alteridade consiste em amar o próximo de forma sacrificial e abnegada, sem esperar a recompensa do amor correspondente ou da beleza estética. Isso porque no amor meramente humano há apenas duplicidade: amante e amado. Já no amor cristão kierkegaardiano há triplicidade (*Threeness*): o amante, o amado, o amor; onde o amor é (o) próprio Deus.

Graças ao eterno, o amor verdadeiro rejuvenesce, por isso o passado não tem poder sobre ele. Dessa forma, “Manda embora o passado; afoga-o no esquecimento eterno, persistindo amorosamente: então, o fim é o começo e não existe ruptura (*Brud*)” (Kierkegaard, 2013, p. 345)”. O amor em Deus, ou seja, no sentido profundo, não corrói, repousa no eterno, e há tempo bastante na eternidade para amar. Por isso, a única estação correta do amor é a eternidade, a partir do Deus eterno.

2 - O AMOR AO PRÓXIMO E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE

O Amor-Dádiva de Lewis se aproxima muito da ideia de amor ao próximo em Kierkegaard. “O Amor-Dádiva é o amor que move o homem [...] sem ver ou desfrutar. [...] O amor divino é o Amor-Dádiva”. (Lewis, 2017, p.11). Neste tipo de amor, concordam os dois autores, o ser humano chega ao ponto de “fazer tudo

⁴ Sobre a estreita relação entre alteridade e edificação, na segunda série de *As Obras do Amor*, a partir dos discursos paulinos sobre o amor, Kierkegaard inicia trabalhando a ideia de amor como aquilo que edifica. “Edificar é construir para o alto a partir das fundações” (Kierkegaard, 2013, p. 242). O amor é a fundação e edificar é construir a partir da fundação. Fazer tudo para edificação é a mesma coisa de que fazer tudo no amor. O amor edifica, pois, alteridade. Edifica-se no amor, pois ele é voltado para o outro. “O que ama implanta o amor no coração de outra pessoa” (Kierkegaard, 2013, p. 247). O amor edifica porque está disposto a servir ao próximo. O amor não busca seu próprio interesse, por isso ele edifica (Kierkegaard, 2013, p. 252). O amor tolera tudo. Só é possível se colocar no lugar do outro se respeitar o lugar do outro, a despeito do seu lugar pessoal, quando se tolera tudo no outro.



pela outra pessoa e dar a impressão de nada ter feito” Kierkegaard, 2013, 312). Ele trabalha sem nenhuma recompensa, nem mesmo a da orgulhosa autoconsciência. “Sua vida é num certo sentido inteiramente esbanjada sobre a existência, a existência dos outros” (Kierkegaard, 2013, p. 315)⁵.

2.1 - O AMOR AO PRÓXIMO E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE EM C.S. LEWIS.

Uma vida voltada para o outro não é algo natural para o ser humano. Lewis esclarece que existe uma rivalidade primária entre o eu humano e seu rival: o Outro. “A verdadeira rivalidade é entre o eu e o Outro humano” (2017, p. 159). Para o desenvolvimento do amor e o avanço humano em busca da alteridade é necessário a superação desta distância. Lewis e Kierkegaard estão de acordo em assumir que no objeto do amor cristão há sempre um elemento não amável, que realça a nossa rejeição em relação a ele⁶.

A alteridade é incapaz de se perfazer sem um mergulho na perspectiva do amor divino e eterno a partir de um sacrifício pessoal. “Os amores naturais só podem ter esperança de eternidade na medida em que se permitirem ser assumidos pela eternidade da caridade, e esse processo sempre envolve uma espécie de morte” (Lewis, 2005, p. 189). Na busca pelo amor ao outro em suas diferenças é essencial aprender a amar o que não é naturalmente amável. Amar a pessoa que se vê em suas variadas diferenças e defeitos torna o exercício da alteridade difícil.

⁵ Um instrumento trazido por Lewis para amar o não amável é um tipo de prazer que ele chama na obra *Os Quatro Amores de Prazer-Apreciação*. Ele afirma que este tipo de prazer “é ponto de partida para toda experiência da beleza. Neste tipo de prazer existe uma sombra, uma ponta, um convite ao desinteresse (Lewis, 2017, p. 30).

⁶ Entretanto, se para C.S.Lewis o homem possui uma inclinação para amar, para Kierkegaard não há no homem essa capacidade *a priori* de amar o que não é amável. Neste sentido, só é possível amar o próximo quando o nosso amor se sujeitou à transformação da eternidade e isto está relacionado à necessidade do tornar-se cristão. Em outro ponto, Lewis concordaria com a imitação do amor divino a partir do Cristo, pois “Nossa imitação de Deus nesta vida [...] deve ser uma imitação do Deus encarnado” (Lewis, 2017, p. 18).



Para ultrapassar este estranhamento, Lewis propõe o Amor-Dádiva divino⁷.

Para entender melhor o Amor-Dádiva ou doação divino é necessário entender seu contraponto: o Amor-Necessidade. Lewis faz uma diferença entre Amor-Dádiva e Amor-Necessidade. Para ele, “o Amor-Necessidade clama a Deus a partir de nossa pobreza. O Amor-Dádiva deseja servir ou mesmo sofrer por Deus”. (2017, p. 31). Continua o autor britânico que “O Amor-Necessidade diz acerca de uma mulher: “Não posso viver sem ela. [Enquanto] O amor Dádiva aspira dar a ela felicidade, conforto, proteção e, se possível, riqueza (2017, p. 32)⁸.

Como diria Platão, o Amor-Necessidade é o “filho da pobreza”. É um amor baseado em impulsos ou pulsões humanas⁹. Se no Amor-Necessidade há uma forte dependência do serviço ou do amor do outro, claro está que para Lewis o Amor-Dádiva possui um forte caráter de abnegação. Este “amor de Deus agindo num ser humano – é inteiramente desinteressado e deseja aquilo que simplesmente for melhor para a pessoa Amada [...] o Amor- Dádiva divino no ser humano o habilita a amar aquilo que não é naturalmente amável” (Lewis, 2017, p. 172).

É nesse aspecto de um amor que ama aquilo que não é naturalmente amável que o Amor-Dádiva se aproxima cabalmente do amor ao próximo de Kierkegaard. No exercício do Amor-Dádiva, Deus consegue amar os pecadores em suas vilezas, pois o Amor-Dádiva é todo alteridade ou voltado para o outro, sem troca. No Amor-Dádiva não se espera troca, retorno, recompensa, o naturalmente amável.

Sobre o Amor-Dádiva, argumenta o autor irlandês relacionado-o a sua origem divina, que tudo o que os poetas dizem sobre eles é verdadeiro. “Sua alegria,

⁷ Ou amor Doação em outras traduções.

⁸ O autor continua argumentando fazendo uma relação entre amor divino como um tipo de amor apreciativo. “Este tipo de amor contempla, suspira e fica em silêncio, alegra-se que essa maravilha existe, ainda que não para si, e não se sentirá totalmente desanimado ao perdê-la, se contenta com a situação mais do que se não tivesse visto na vida” (Lewis, 2017, p. 32).

⁹ Mas isso não significa que seja um amor deletério que deve ser totalmente descartado. Lewis argumenta que “Onde o Amor-Necessidade é sentido, poderá haver razões para negá-lo ou mortificá-lo completamente; mas não sentir esse amor é, em geral, a marca do egoísta frio” (Lewis, 2017, p. 13). Relembrao o filósofo que “Todo nosso ser é uma vasta necessidade por sua própria natureza” (Lewis, 2017, p. 14).



sua energia, sua paciência, sua disposição em perdoar, seu desejo pelo bem da pessoa amada – enfim, tudo isso é real e nada mais é do que a adorável imagem da vida divina”. (Lewis, 2017, p. 20).

2.2 - O AMOR AO PRÓXIMO E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE EM KIERKEGAARD

Segundo a concepção kierkegaardiana, o amor enquanto dever está intimamente vinculado à eternidade. Desta forma, totalmente dependente de um Deus eterno. Ora, “quando o amor se submeteu à mudança da eternidade, em se tornando um dever, aí ele adquiriu continuidade e daí segue-se que ele perdure” (Kierkegaard, 2013, p. 49)¹⁰.

O amor fundamentado na alteridade é o amar de forma abnegada, alicerçada no eterno. Amar em desinteresse ou desapego abnegado (*i opoffrende Uegennyttighed*) é amar de uma forma não instantânea ou não baseada no instante. Amar baseado no instante é amar fundamentado nos homens. Quando o homem é a medida de todas as coisas, o instante se prolonga no temporal. Mas o instante não conhece o amor verdadeiro, altruístico, voltado pra fora. Isso porque o amor verdadeiro é o da abnegação e ela consiste, exatamente, em renunciar o instante e ao instantâneo e voltar-se para o eterno e para o outro, em Deus.

Aquele que traz o amor consigo e procura um objeto para o seu amor facilmente o encontrará. Na alteridade kierkegaardiana não se ama por merecimento. Logo, não é necessário encontrar um próximo merecedor do amor para se amar. Ama-se o próximo, qualquer um, a todos. O verdadeiro amoroso não procura o que é seu, ele ama o que é próprio do outro. Ele nada entende das exigências dos direitos próprios, mas entrega tudo sem receber nada em troca.

¹⁰ Na obra *Discursos edificantes*, o autor dinamarquês complementa dizendo que toda dádiva boa e perfeita que um homem pode dar é amor, e, acerca dele, todos os homens em todas as épocas sabem que ele procede de cima”, 2010, p. 166). De outra forma, “o segredo do amor terreal consiste em que leva sobre si o selo do amor de Deus” (Kierkegaard, 2010, p. 95).



Segundo a expressiva analogia usada por Kierkegaard no penúltimo capítulo de *As obras do amor*, a recordação de uma pessoa falecida é um modelo deste amor abnegado e desprendido de toda recompensa. É lógico para todos que um “morto não é um objeto real; ele é tão somente a ocasião que [...] revela o que reside no interior do vivente” (Kierkegaard, 2013, p. 389). Esta é para Kierkegaard a obra do amor mais desinteressada porque afasta toda possibilidade de retribuição. É a obra do amor mais livre porque está longe das amarras da correspondência amorosa.

Se alguém consegue amar alguém que nunca mais poderá retribuir este amor, ama em plena alteridade. Sob a perspectiva do amor como eternidade, amar a quem faleceu é o cumprimento mais pleno deste amor. Ama-se eternamente quando se ama independentemente da vida ou da morte. Ama-se eternamente quando se ama a partir do interior e não do exterior. Como diria Adorno, em tom crítico, (2010, p. 314), “em Kierkegaard, o amor transforma-se na qualidade da pura interioridade”.

Quem ama de forma abnegada “compreendeu-se no sacrificar-se” (Kierkegaard, 2013, p.303), por isso o verdadeiro amoroso ama cada um segundo sua característica própria. “O amor em sua qualidade característica não se isola; nem se obstina numa certa independência ou num “ser para si” [...] ele se dedica inteiramente [...] tem a característica de se entregar” (Kierkegaard, 2013, p.244). De outra forma, “o amor verdadeiro, o amor que se sacrifica, ama toda e qualquer pessoa de acordo com seu caráter própria (o), [sua individualidade], está pronto para realizar qualquer sacrifício: ele não procura seu interesse” (Kierkegaard, 2013, p.308).



3 - O AMOR CARIDADE E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE

A partir deste tipo de Amor-Dádiva, amor ao próximo, o exercício da alteridade vai encontrar eco nas relações cotidianas a partir da caridade. Para C.S. Lewis, a caridade é uma expressão tanto do Amor-Dádiva quanto do Amor-Necessidade. Já para o autor dinamarquês, se a caridade for entendida como *ágape* será a mais genuína forma de amor.

3.1 - O AMOR CARIDADE E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE EM C.S. LEWIS

Sobre a proximidade intrínseca entre Amor-Dádiva e Amor-Caridade, o autor britânico vai afirmar que “Todas as atividades (exceto o pecado) dos amores naturais podem em hora favorável tornar-se obras do alegre, extrovertido e grato Amor-Necessidade ou do altruísta e modesto Amor-Dádiva, que são ambos Caridade”. (Lewis, 2017, p. 179). Para o autor de *Peso de Glória*, embora a caridade não seja essencialmente afetiva, ela vai adquirindo essa qualidade na medida em que é exercitada.

A prática da caridade gera afeição ao objeto amado e o seu exercício se torna mais fácil. Embora a afeição não seja a causa, mas consequência da caridade, as duas podem ser conciliadas. A prática de um comportamento amoroso faz alguém gostar¹¹ da pessoa amada. “Quando faz mal a alguém de quem não gosta, passa a desgostar ainda mais dessa pessoa. Já se, por outro lado, lhe fizer o bem, verá que a aversão diminui” (Lewis, 2017, p. 174).

Embora reconheça a diversidade dos conceitos, Lewis se inclina a conciliar caridade e afeição. Inclusive, em *Os quatro amores*, ele faz uma dura crítica à concepção agostiniana defensora de uma noção de amor cristão totalmente

¹¹ No Capítulo 1 da obra *Os quatro amores*, chamado de *O gostar e o amar em relação aos sub-humanos*, Lewis vai definir gostar como algo que signifique ter algum tempo de prazer. (Lewis, 2017, p. 23).



desprovido do componente afetivo.¹² Diante do quadro, apesar da caridade ser diferente da afeição ela necessariamente conduz para este sentimento.

Em clara divergência com Kierkegaard, o autor de *As Crônicas de Nárnia* argumenta que: a diferença entre um cristão e um ímpio não é que este tem afeições e gostos pessoais ao passo que o cristão só tem a caridade. De fato, o ímpio trata bem certas pessoas porque gosta delas. Entretanto, o cristão, tentando tratar a todos com bondade, tende a gostar de um número cada vez maior de pessoas no decorrer do tempo – inclusive de pessoas de quem ele não poderia imaginar que um dia fosse gostar (Lewis, 2017, p. 175).

Lewis vai chamar de detratores do amor aqueles que estigmatizam como emotividade e sentimentalismo muito daquilo que seus antepassados afirmavam como exaltação do amor. Ironizando com John Keats, o último poeta romântico inglês, o autor arremata buscando um ponto de equilíbrio entre a exigência e a alegria do amor sacrificial: “Não devemos dar ouvidos ao gigante demasiadamente sábio, nem ao excessivamente tolo (*apud* Lewis, 2017, p.22).

3.2 - O AMOR-CARIDADE E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE EM KIERKEGAARD

Kierkegaard tem dificuldade em chamar o amor cristão de caridade. Não obstante, ele está de acordo em considerar o *ágape* como a forma mais genuína de amor¹³. Em uma passagem de *As obras do amor*, Kierkegaard aproxima o amor dever ao amor *ágape* em C. S. Lewis. Declara o autor dinamarquês que “ama a pessoa amada fielmente e com ternura, mas deixa o amor ao próximo ser

¹² Para aprofundamento desta crítica de C. S. Lewis a Agostinho observar a análise de John Lippitt no artigo Lewis, Kierkegaard and friendship.

¹³ Aqui é importante destacar que, para Lewis, o amor caridade também pode se aproximar da ideia de amor dever. Apesar da caridade não anular por completo a predileção e a afeição, mesmo quando dirigida ao inimigo a caridade tem o condão de mudar o sentimento de repulsão e desprezo que nutrimos em relação ao próximo. Por isso a caridade não deve ser confundida com a mera afeição ou sentimento. Pelo contrário, ela deve ser definida em sua relação com o dever. Essa tese da caridade como dever de amar é sustentada por Lewis na sua famosa obra *Cristianismo puro e simples*.



aquilo que santifica o pacto com Deus da união de vocês”; De outra forma, “ama teu amigo sinceramente e com dedicação, mas deixa o amor ao próximo ser aquilo que lhes ensina na amizade de um para com o outro a familiaridade com Deus” (Kierkegaard, 2013, p. 83).

Diante do exposto, ambos pensadores assumem a importância do dever ou *ágape* a todas as formas de amores. A vinculação com o amor ao próximo é para Kierkegaard a única possibilidade de redenção para o amor natural e a amizade. Lewis, por sua vez, reconhece que *eros* e amizade precisam ser assumidos pela eternidade da caridade.

Se por um lado, os dois falam do *ágape* em termos de dever, por outro, é preciso salientar que o autor de *Temor e tremor* radicaliza em sua abordagem ao ponto de restringir o mandamento bíblico apenas à austeridade da exigência¹⁴. Já o conceito de Amor-Necessidade empregado por C. S. Lewis, pressupondo uma disposição para amar, revela a discordância com Kierkegaard, para quem o movimento realizado pelo *ágape* cristão é sempre relacionado ao escândalo, precisamente por realizar o contrário daquilo que anseia o homem (Marques, 2015).

O amor cristão é marcado pelo escândalo, choque, ofensa. Para o autor de Copenhague “o escândalo vigia o acesso para o essencial do cristianismo” (Kierkegaard, 2013, p. 80). No amor cristão, não se deve amar apenas o amável, mas especialmente aquele que não é digno de ser amado. O amor cristão não é *eros*, pois não há beleza no objeto amado (VALLS, 2012, p.80). O amor ao

¹⁴ Isso não significa que o amor cristão é frio e sem intensidade. Na verdade, este amor vai além da doação em si. O verdadeiro amor cristão tem intensa alegria ao doar. Não se deve praticar as obras do amor de forma desamorosa. Fazer isso é amar a partir de um olhar de superioridade, fora da fonte divina. Não se deve colocar numa posição de grandeza diante do pequeno e de superioridade diante do aparente inferior. Em Deus, todos são iguais. Nos *Discursos edificantes* de 1843, o filósofo dinamarquês já denunciava a atitude daqueles que estavam dispostos a ajudar o necessitado, mas, ao mesmo tempo, exigiam deste seu respeito, admiração e sujeição (Kierkegaard, 2010). A essência graciosa do *ágape* consiste em uma espécie de rebaixamento daquele que ama e, ao mesmo tempo, em uma tentativa de anulação da miséria do objeto amado. O exercício do amor *ágape* consiste na busca da igualdade e não da elevação pessoal do mais forte.



próximo possui todas as perfeições da eternidade exatamente por não se prender às imperfeições do objeto amado (Kierkegaard, 2013).

Como discursa Sócrates no *Banquete* (Platão, 2001), o *eros* é definido como o desejo de possuir sempre o que é bom e belo. A reciprocidade é uma das marcas fundamentais da amizade no entendimento Aristotélico. De acordo com o filósofo grego, “para serem amigas, as pessoas devem conhecer uma a outra desejando-se reciprocamente o bem” (Aristóteles, 2001, p. 164). Platão e Aristóteles representam o amor humano baseado na reciprocidade ou correspondência, enquanto Kierkegaard fundamenta sua ideia de amor no *ágape* cristão, “onde não há uma relação erótica [...], não há beleza no objeto amado” (Valls, 2012, p. 80).

Pode parecer que o Amor-Dever tira do amor a sua beleza, criatividade e liberdade, tornando uma obrigação fria e enfadonha (Ross, 2007). Mas a beleza e diferença do amor cristão e do amor pagão está no tu deves. Não há prazer em amar o desprezível, mas o amor cristão o ama mesmo assim. “A natureza trabalha por seu interesse e só atenta no lucro que lhe pode vir; a graça não considera o que é útil e cômodo, mas o que a muitos é proveitoso” (Kempis, 2008, p. 166).

O amor cristão não é cantado pelos poetas porque, segundo o autor de *Migalhas Filosóficas*, não há no *ágape* a ternura condescendente. O *ágape* não possui aquele prazer vibrante que, como um turbilhão febril, agita o coração dos amantes. Também não teria aquela reciprocidade feliz e aconchegante capaz de satisfazer a fome inquietante de amar e ser amado. O amor cristão é, desta forma, uma forma antinatural de amor. “O *ágape* se caracteriza pela seriedade do dever. Ele substitui a primazia do prazer e da predileção pela primazia da exigência e da abnegação. [...] a radicalidade do cristianismo está em ordenar que se ame” (Marques, 2015, p. 504).



Apesar da noção de ética-segunda aparecer de forma mais direta apenas em *O conceito de angústia* do pseudônimo Vigilius Haufniensis, não significa que tal conceito não esteja materializado em *As obras do amor*. Ao contrário do que se pensa, o estágio religioso de Kierkegaard postula uma ética do dever absoluto. Apesar de não necessariamente se aproximar de um imperativo categórico kantiano (MacIntyre e Kant), fundamentado na racionalidade, não deixa de ser um imperativo, visto fundar-se em um mandamento. O Amor-Dever em relação ao próximo não deixa de ser um imperativo, não admitindo qualquer possibilidade de exceção. Por isso mesmo capaz de desenvolver uma profunda ideia de pensamento e atitude em função do outro.

4 - OS AMORES PREDILETIVOS E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE

O autor de *O problema do sofrimento* não endossaria a crítica kierkegaardiana ao caráter prediletivo do *eros* e da amizade. Ele vê este aspecto como positivo e não como algo que desvirtua necessariamente o amor. O elogio ao *eros* e à *filia*, nos moldes da tradição platônico-aristotélica, parece selar o desacordo entre o dinamarquês e o britânico. Mesmo quando Lewis afirma que os outros amores precisam ser assumidos pela eternidade, é mister ressaltar que, para o literato irlandês, estes amores devem conservar a sua essência.

4.1 - OS AMORES PREDILETIVOS E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE EM C.S. LEWIS

“Tudo que não é eterno está eternamente ultrapassado” (Lewis, 2017, p. 183)¹⁵. A partir da famosa máxima lewsiana, pode-se entender que aquilo que é temporal não tem valor em si mesmo. Exemplificando os amores naturais a partir do amor romântico, o autor de *As Crônicas de Nárnia* afirma que “A idolatria do

¹⁵ Alguns interpretariam esta frase da seguinte maneira: quando a natureza passar, tudo o que não for eterno será eternamente antiquado.



amor erótico e das afeições domésticas foi o grande erro da literatura do século XIX. Imaginaram que se apaixonar era se santificar”. (Lewis, 2017, p. 21).

O amor romântico, prediletivo, firmado a partir de uma perspectiva temporal está fadado a desaparecer. A temporalidade é desprovida de novidade, constância, fundamento. Neste passo, a visão lewsiana se aproximaria da visão negativa de Kierkegaard sobre os amores naturais. Estes não podem ser considerados dentro da perspectiva do amor crístico por serem passageiros, temporalizados, pueris.

Entretanto, para C.S. Lewis, ao se cumprir o mandamento do amor, naturalmente se afeição em relação ao objeto amado. Pela parcela de Amor-Dádiva ou Doação comunicada por Deus ao homem, aos poucos seria possível disciplinar as afeições, possibilitando a relação entre o dever e o prazer. Lewis, de forma otimista, espera que o caridoso possa gostar do objeto para quem ele exerce sua caridade.

A perspectiva do amor prediletivo se aproxima muito da definição de prazeres em Lewis. Para ele, prazeres podem ser divididos em dois tipos: prazeres-necessidade, precedidos pelo desejo, como um gole de água apenas quando se está com sede, e prazeres-apreciação, prazeres em si, como os suaves aromas de campos floridos¹⁶. Prazeres em si são prazeres sem necessidade. Um vício pode transformar prazeres do segundo tipo em prazer do primeiro tipo. Prazeres-necessidade voltam ao passado, enquanto prazeres-apreciação se voltam ao presente. Prazer-necessidade morre de forma abrupta, anuncia sua relatividade, condição passageira (2017, p. 24). Prazeres-apreciação apontam para aquilo que é eterno e permanente: o eterno presente¹⁷.

¹⁶ Para o autor britânico, prazer-apreciação “não só satisfaz os sentidos, como reivindica nossa apreciação por direito. Este prazer deve receber atenção, ser degustado e louvado” (Lewis, 2017, p. 27, 28).

¹⁷ É importante destacar que para Lewis, apesar da sua brevidade e relatividade, o prazer-necessidade não pode ser olvidado da vida cristã.



4.2 - OS AMORES PREDILETIVOS E SUA RELAÇÃO COM A NOÇÃO DE ALTERIDADE EM KIERKEGAARD

Apesar de não reprimir o amor natural (*Elskov*) e a amizade, que são amores por predileção (*Forkjerlighed*), o amor cristão destrona estes amores e coloca no lugar deles o amor superior, o amor espiritual, voltado para o outro, em alteridade. Este amor se distancia do falado e cantado e se coloca no realizado em função do outro (*vai e faze o mesmo*), especialmente no ajudar o outro a ser cristão no sentido mais profundo.

Nesse tipo de amor (*Kjerlighed*) existe uma tarefa ética: amar o próximo, “fonte original de todas as tarefas” (Kierkegaard, 2013, p. 70). O próximo é o que está imediatamente na tarefa. E essa tarefa ética é alteridade, pois consiste em amar “o outro si, o outro eu – pois o próximo é o outro tu [...] o terceiro da igualdade” (Kierkegaard, 2013, p. 73).

Kierkegaard, ao mesmo tempo que fala de uma transformação da eternidade, parece sinalizar a impossibilidade de *eros* e *filia* permanecerem enquanto tais e, ao mesmo tempo, experimentarem transformação. Para o autor de *Temor e tremor*, o senso de abnegação cresce na medida em que se pratica o mandamento divino. O Amor-Dever está esvaziado de toda e qualquer predileção ou preferência. Se há qualquer resquício de afeição, tal vínculo pode ser qualquer outra coisa menos o amor no sentido genuinamente cristão.

O autor das *Migalhas Filosóficas* defende que o *ágape* deve permanecer sempre como o movimento em direção ao desprezível, ao odioso, ao vil. Por esta razão, o pensador dinamarquês refere-se constantemente ao exercício do amor ao próximo com termos como tarefa, exigência e abnegação (MARQUES, 2015).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou quatro pontos importantes das relações de amor e alteridade entre C.S. Lewis e Søren Kierkegaard. Primeiro, trabalhou a origem do amor e sua relação com a noção de alteridade. Evidenciou que o fundamento primordial do amor a partir do autor britânico e do autor dinamarquês está em Deus. Num segundo momento, o trabalho esboçou a relação entre o amor ao próximo e sua relação com noção de alteridade. Viu-se que a noção de Amor-Dádiva ou Doação trazida por Lewis tem relevante proximidade com a ideia de amor *ágape* trazida por Kierkegaard.

Em terceiro lugar foi trazido a relação de amor caridade de Lewis com o amor ao próximo de Kierkegaard e seus desobramentos com respeito à alteridade. Pode-se perceber que um amor tão sublime poetizado e cantado por tantos santos na história possui problemas de motivação e finalidade de acordo com Kierkegaard. Num quarto e último instante, a obra apresentou a relação da noção de alteridade com os amores prediletivos ou naturais. As noções de *eros* e *filia* possuem disposições naturais que podem ser beatificadas segundo Lewis, mas podem deturpar o mais puro amor cristão segundo Kierkegaard.

Em suma, Kierkegaard e C. S. Lewis têm focos distintos em suas abordagens e, por esta razão, chegam a conclusões diferentes. O primeiro deseja reforçar o caráter exigente do *ágape* cristão; o segundo, corrigir o desprezo em relação às outras formas de amores no contexto do cristianismo. Para C.S. Lewis, “A alternativa para a tragédia, ou pelo menos para o risco da tragédia, é a condenação. O único lugar fora do céu onde você pode ficar perfeitamente seguro de todos os problemas e perturbações do amor é o inferno” (Lewis, 2017, p. 164).

Neste pisar, a predileção seria uma espécie de compensação à vulnerabilidade à qual o amor nos expõe. Continua o autor britânico afirmando que “não



existe investimento seguro. O simples fato de se amar é uma vulnerabilidade. Ame alguma coisa e seu coração ficará apertado e possivelmente partido. Se quiser ter certeza de que seu coração ficará intacto, não deve oferecê-lo a ninguém, nem mesmo a um animal” (Lewis, 2017, p. 163).

Esta compreensão seria estranha ao pensamento kierkegaardiano, para quem o amor, baseado unicamente no “Tu deves da eternidade”, livra-nos de qualquer risco ou perturbações. De fato, para o autor dinamarquês, quem se perturba é porque ainda não entendeu o sentido do *ágape*, pratica uma modalidade de amor mundano, pensando estar praticando o amor crístico. Conclui-se que amar de verdade é aproximar o outro do amor.

Álvaro Valls declara que nas *Obras do Amor* “Kierkegaard, interpretado tantas vezes como solipsista, afirma aqui explicitamente a alteridade, em sua categoria específica: o próximo (*Næsten*)” (*apud*, Kierkegaard, 2013, p.8). De fato, para o pai do existencialismo cristão, o amor não deve mais se restringir ao amor de predileção, preferencial ou particular, pois quem ama de verdade, ama o próximo, que é o humano-universal.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Comentário da Primeira Epístola de São João**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamentos. Versão revista e atualizada de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

CAMPOS, Eduardo da Silveira. **O conceito de amor em Kierkegaard: A concepção de Ágape como doação**. 2013. 118 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro- RJ, 2013.



FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOUVÊA, Ricardo Quadros. **A Palavra e o silêncio**: Kierkegaard e a relação dialética entre fé e razão em Temor e tremor. São Paulo: Alfarrabio: Custom, 2002.

KEMPIS, Tomás de. **Imitação de Cristo**. São Paulo: Hedra, 2008

KIERKEGAARD, Søren. **As obras do amor**: Algumas considerações cristãs em forma de discursos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. **Discursos edificantes, Três discursos para ocasiones supuestas**. Madrid: Trotta, 2010.

_____. **O conceito de angústia**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **Pós-escrito às Migalhas filosóficas**. Vol. 01. Trad. Álvaro Valls. Petrópolis: Vozes, 2021.

LEWIS, C.S. **Os quatro amores**. 1ªed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

MACINTYRE, Aslaidair. **After virtue**: A study in moral theory Third edition. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 2007.

MARQUES, José da Cruz L. **Aproximações entre Kierkegaard e C.S. Lewis em torno do conceito de amor**. *Paralellus*. Recife, v. 6, n. 13, p. 495-514, jul./dez.2015.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates e Banquete**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ROOS, Jonas. **Tornar-se cristão**: O paradoxo absoluto e a existência sob juízo e graça em Søren Kierkegaard. 2007. 247 p. Tese (Doutorado em Teologia). Escola Superior de Teologia (EST), São Leopoldo, RS.

VALLS, Álvaro - **Kierkegaard, Cá Entre Nós**. São Paulo: †Liber Ars, 2012

